

O MITO DE EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM EM UM POEMA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ISABELLA LÍGIA MORAES*

Mestranda pela Pontifícia
Universidade Católica de Minas
Gerais - PUC Minas.

E

Resumo

Este artigo propõe uma leitura do poema “Isso é aquilo”, de Carlos Drummond de Andrade, considerando a dificuldade inicial dos leitores em sua interpretação. A fase nominal da poesia drummondiana, à qual pertence o poema em questão e que trata da incomunicabilidade da poesia e da linguagem mesma, é associada ao mito bíblico de evolução da linguagem, da nomeação adâmica ao obscurecimento da linguagem através do embuste da Serpente. Associa a construção do poema, ainda, ao contexto do pós-guerra vivenciado pelo poeta, visto que as experiências da guerra são incomunicáveis e, nesse sentido, sua poesia procuraria, ironicamente, transmitir essa ideia.

Palavras-chave: Mito; Linguagem; Carlos Drummond de Andrade.

INTRODUÇÃO

Publicado em 1962, o livro **Lição de coisas**, de Carlos Drummond de Andrade, pertence ao que seria a terceira fase da escrita do poeta, caracterizada pela frustração com as utopias e cujo resultado é uma poesia pontuada por questões existenciais e negações. Temos, portanto, duas vertentes de produção poética nessa sua fase: a poesia filosófica e a nominal. Essa poesia nominal apresenta tendências do Concretismo e revela uma preocupação do poeta com aspectos formais do texto, a fim de afirmar a incomunicabilidade da poesia. Atesta, assim, “aquela ‘luta com as palavras’, aquela atuação permanente no sentido de transmitir mais além do que suportam as precariedades das formas linguísticas comuns”. (TELLES, 2002, p. 55).

O poema “Isso é aquilo”, presente na obra citada, pertence a essa vertente da poesia nominal e é construído através do recurso “palavra-puxa-palavra”, na maioria das vezes não sendo clara a existência de uma relação entre essas palavras associadas. Em uma primeira leitura, reconhecemos ser o poema formado por duas partes. A primeira delas é dividida em dez estrofes de construção semelhante, numeradas em algarismos romanos e compostas exclusivamente por nomes, visto que todos vêm acompanhados de seus respectivos artigos definidos.

Em tal construção é ausente uma associação sintática entre as palavras, o que pode gerar dificuldades na leitura do poema. Essas palavras não se relacionam, todavia, através do sentido, mas por aliterações ou mesmo por uma remissão a conhecimentos prévios do leitor. Através da leitura que aqui propomos, vejamos as significações que essa estratégia de construção pode nos sugerir, cujo resultado será o fruir de um prazer estético proporcionado pela própria forma do poema.

O MITO BÍBLICO DE EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

A construção do poema “Isso é aquilo” é sugestiva de uma indicação aleatória de elementos que se apresentam ao eu poético: “O fácil o fóssil/ O míssil o físsil/ A arte o infarte”. (ANDRADE, 2011). Essa estratégia de elaboração do poema nos remete à nomeação adâmica, quando o Adão mítico teria nomeado os demais seres do mundo, conceito idealizado por John Milton, de acordo com Erick Ramalho (2008), a partir da Bíblia e do *Crátilo*, de Platão.

O poema, portanto, retoma o Adão que, apontando cada elemento apresentado por Deus, os nomeava. Essa é a língua dos nomes, que estaria em uma origem ideal da linguagem. O título do poema reforça essa leitura, pois “Isso é aquilo” remete àquela palavra primordial e de caráter mágico, em que o signo não estava ainda dissociado da coisa, e a palavra não apenas representava aquilo de que se fala, ela era a coisa mesma e tinha, nesse sentido, o poder de presentificá-la. Seria, portanto, “uma forma linguística natural – por isso mesmo distinta da linguagem humana posterior, que é convencional”. (RAMALHO, 2008, p. 71).

Ao ler mais atentamente o poema, porém, verificamos que as palavras ali dispostas não possuem o caráter daquelas palavras puras do princípio mítico, mas incorporam em si outros discursos e já possuem, portanto, uma carga cultural. O verso “o cigarro a formicida” (ANDRADE, 2011), por exemplo, remete à fábula “A cigarra e a formiga”, evidenciando a existência de um conhecimento cultural anterior ao indivíduo que nomeia, pois “na esfera comunicativa da cultura tudo reverbera em tudo, uma vez que (...) o próprio discurso alheio pode integrar a cadeia discursiva e ser reprocessado” e, nesse sentido, “do ponto de vista da comunicação cultural mais ampla, nenhum sistema pode ser pensado como o Adão mítico a pronunciar o primeiro discurso sobre o mundo ainda não-dito”. (MACHADO, 2005, p. 162). Vale lembrar que a própria palavra “formicida”, presente no verso citado,

traz em si a palavra “forma”, sugerindo a morte da mesma – ou seja, sua desvinculação da coisa, à qual passa a apenas se referir.

O poema nos apresenta, portanto, uma evolução da linguagem, em que o signo vai se dissociando da coisa e a palavra passa a apenas representá-la. No mito de Adão, essa mudança de rumos da linguagem está representada na figura da serpente e na queda. A partir dessa fratura na linguagem após o Pecado Original,

os nomes ou ideias viram-se olvidados e recobertos pela “indizibilidade” ou opacidade das línguas humanas, tendo sido eles que, primitivamente, terão constituído a linguagem adâmica ou originária e perdido, posteriormente, devido à confusão babélica das línguas, o seu poder nomeador originário. (CANTINHO, 2011, p. 18).

Satã, através do embuste, obscurece a transparência ideal da linguagem adâmica. Há, portanto, um obscurecimento da linguagem que instaura a ambiguidade, sendo esta representada, de acordo com Erick Ramalho (2008), pela língua bifurcada da serpente. Nesse sentido,

a linguagem adâmica pressupõe conhecimento, visto que a natureza das palavras é a própria natureza das coisas e, logo, conhecer as palavras é apreender a essência da realidade, ao passo que a ilusão da serpente é um meio de substituir o conhecimento pela ignorância. Esta, afinal, torna baça a transparência ideal da linguagem perdida, pois faz com que algo sempre seja mal conhecido ou desconhecido, indícios permanentes, portanto, da ignorância na relação entre o ser humano e a sua própria realidade. (RAMALHO, 2008, p. 74).

A própria representação da figura da serpente no Paraíso em diversas pinturas mostra sua ambiguidade, pois muitas vezes é uma figura híbrida, metade serpente e metade ser humana. Essa metade ser humano que constitui a serpente seria, segundo várias interpretações, a figura de Lilith, primeira esposa de Adão no folclore judaico, a qual teria sido criada do barro juntamente com o homem e, posteriormente, teria se rebelado em relação à dominação masculina, o que resultou em sua expulsão do Paraíso para a criação de uma nova mulher – Eva –, dessa vez feita a partir de uma costela de Adão. Podemos citar, como exemplo de tais pinturas, “O Pecado Original e a expulsão do paraíso terrestre” (1510), de Michelangelo, “A queda” (1480), de Hugo van der Goes, e “Adão e Eva” (1509-1511), de Rafael Sanzio.

Esse processo de evolução da linguagem, entretanto, e ironicamente, pode se degenerar na impossibilidade de comunicação, representada na Bíblia através do mito da construção da Torre de Babel, segundo o qual em todo o mundo havia somente uma língua até que Deus castigasse os homens pela construção da Torre através do ato de confundir a linguagem, fazendo com que não se compreendessem uns aos outros: esta seria a origem das diversas línguas. A comunicação

impossível está, também ela, representada poeticamente em “Isso é aquilo”, pois a dificuldade sentida pelo próprio leitor na interpretação do poema encena esse mito.

EXPERIÊNCIAS INENARRÁVEIS

A incomunicabilidade da linguagem é, como vimos, o tema da fase nominal da poesia de Drummond, à qual pertence o poema em questão. No contexto de produção do poema, quando Drummond recebia as influências do Concretismo, vemos que o surgimento desse movimento e sua absorção pelo poeta seriam decorrentes do pós-guerra. A desilusão do poeta com o Partido Comunista, ao qual era filiado, e o niilismo decorrente da guerra, resultam nesse questionamento e nessa descrença expressa em seus poemas dessa fase.

A relação entre a guerra e a linguagem é bem expressa por Benjamin (1994), quando, referindo-se à Primeira Guerra Mundial, diz que “na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.” (BENJAMIN, 1994, p. 115). No contexto do Concretismo, após a Segunda Guerra, vemos também essa incomunicabilidade, expressa ironicamente por Drummond no poema “Isso é aquilo”, em que a evolução da linguagem, da nomeação adâmica à dissociação entre o signo e a coisa, degenera na incapacidade de dizer.

Essa ideia de uma narrativa impossível, embora necessária, é trabalhada por Maldonado e Cardoso (2009) ao citarem Seligmann-Silva, pois ao vivenciar a experiência traumática, fica a questão de “como o sujeito poderá vir a testemunhar o irrepresentável, dando uma forma àquilo que viria transbordar a sua capacidade de pensar” (MALDONADO; CARDOSO, 2009, p. 49). Seria justamente essa incapacidade do ser humano de dar forma às experiências traumáticas, ou seja, de representa-las, que torna impossível narrar os horrores da guerra. Explica-se, nesse sentido, o sonho recorrente entre aqueles que vivenciaram os campos de concentração, no qual retornavam a suas casas e não conseguiam se comunicar com seus familiares, ou estes não queriam ouvi-los.

De volta ao poema, a semelhança de sua forma com a nomeação adâmica nos leva a pensar que, após a guerra na qual a bomba atômica, embora não tenha destruído o mundo, de acordo com Octavio Paz (1991) destruiu nossa ideia de mundo, o poeta retorne ao princípio da linguagem no objetivo de reiniciar seu conhecimento do mundo e resgatar a comunicabilidade da linguagem, perdida devido às experiências inenarráveis da guerra. Não seria gratuito, portanto, que as primeiras realidades a serem nomeadas são, dentre outras, “o fácil” – facilidade irônica, visto que é justamente a dificuldade da comunicação que o poema mostra – e “o míssil”, já que a realidade da guerra estaria próxima daquele que nomeia.

Nesse sentido, se essa obra literária é uma construção, ou reconstrução do mundo, o material consiste nos recursos da linguagem, o que justifica nossa associação inicial entre a forma do poema e a nomeação adâmica. Aplica-se a Drummond, portanto, o que Wilton Cardoso fala sobre Guimarães Rosa, que está entre os escritores para os quais “a linguagem compõe a realidade da obra literária”. (CARDOSO, 1966, p. 41). Assim, o autor não apenas acomoda a sua linguagem à realidade preexistente que descreve, pois “tal realidade nem sempre pré-existe (sic) à obra” (CARDOSO, 1966, p. 42).

A segunda parte do poema é, ironizando a numeração em algarismos romanos das estrofes anteriores, denominada “F”. Essencialmente metalinguística, como também o é a primeira parte, essa segunda mostra que o signo dissociado da coisa resulta na palavra enquanto forma vazia a ser preenchida por um conteúdo. Como a palavra já não está mais colada à coisa, deve ser procurada a forma ideal para a comunicação, forma esta que se esquia, representada pela própria segunda estrofe que recua à direita:

F
Forma
forma
forma

que se esquia
por isso mesmo viva
no morto que a procura
(ANDRADE, 2011)

Se, portanto, a palavra já não é a coisa, mas apenas a representa, esta morre enquanto coisa em si, e por isso talvez ela seja “esse morto” que procura a forma em que terá sua existência enquanto palavra. É inevitável lembrarmos, nesse sentido, o pensamento lacaniano de que o signo é o cadáver da coisa. Por isso, de acordo com o poema, “a cor não pousa / nem a densidade habita” (ANDRADE, 2011) na forma, que é vazia. O poeta declara, entretanto, não ser desgosto o não encontrar a forma correta para a comunicabilidade, pois a forma procurada existe enquanto possibilidade na realidade da linguagem, que, com esse seu obscurecimento e o consequente recurso da ambiguidade, passa a poder dizer mais do que a realidade mesma, e a literatura é exemplo disso.

CONCLUSÃO

Conforme buscamos ressaltar, o poema drummondiano “Isso é aquilo” encena a evolução da linguagem de acordo com os mitos bíblicos: sua construção remete à nomeação adâmica, já que sugere uma indicação aleatória de elementos apresentados a Adão e por ele nomeados; uma leitura mais atenta é reveladora de um conhecimento cultural nessa conjunção de nomes, o que mostra um obscurecimento

da linguagem no qual o signo dissocia-se da coisa nomeada, representado no mito de Adão pela Serpente e pela Queda; por fim, a própria dificuldade de compreensão do poema por parte do leitor retoma o mito da Torre de Babel, pois a comunicação mostra-se de impossível efetivação.

Ao associarmos essa impossibilidade de comunicação às narrativas impossíveis do pós-guerra, procuramos mostrar que tal leitura através do mito de evolução da linguagem adequa-se ao contexto do Concretismo, o qual teria influenciado a fase de escrita drummondiana em que o poema foi produzido.

A leitura aqui proposta, considerando a dificuldade inicial dos leitores na interpretação do poema, busca ressaltar que o sentido não se encontra em seu conteúdo, mas em sua forma. A associação de palavras através da forma torna-se uma lição de apreciação estética da poesia, pois assim o leitor aprende a se desligar do uso habitual feito das palavras, visando apenas à comunicação, e reconheça, assim, o seu valor estético.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the poem "Isso é aquilo", by Carlos Drummond de Andrade, considering the initial difficulties of its readers in interpretation. The nominal phase of the poet, to which belongs the poem and shows the incommunicability of the poetry and the language itself, is associated with the biblical myth of evolution of language, since Adamic naming until the obscuring of language by the mislead of the Serpent. In addition, this paper associates the construction of the poem to the post-war context experienced by the poet, considering that the war experience in incommunicable and the poet, ironically, show us this idea.

Keywords: Myth; Language; Carlos Drummond de Andrade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Isso é aquilo. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/portalsaudeiadeliteratura/home/isso--aquilo-carlos-drummond-de-andrade-1>> Acesso em: Jun. 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: 1994, p. 114-119.

CANTINHO, Maria João. **O anjo melancólico**: ensaio sobre o conceito de alegoria na obra de Walter Benjamin. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf902/o-anjo-melancolico/o-anjo-melancolico.pdf>> Acesso em: 18/05/2011.

CARDOSO, Wilton. A estrutura da composição em Guimarães Rosa. In: **Ciclo de Conferências sobre Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1966, p. 31-49.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 1, p. 45-57, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n1/v21n1a04.pdf> > Acesso em: Jun. 2011.

PAZ, Octavio. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

RAMALHO, Erick. Estudo introdutório. In: MILTON, John. **Poemata**: poemas em latim e em grego. Belo Horizonte: Editora Tessitura, 2008, p. 15-96.

TELLES, Gilberto Mendonça. Drummond: A estilística da repetição. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.